

Há temas que nunca envelhecem. São como as rosas de Jericó, que florescem todo o ano, qualquer que seja a estação. Apesar de frequentemente versados, êles guardam o segredo da perpétua juventude, conseguindo sempre interessar. Tal é a vida de Maria Santíssima. Por muito que dela se tenha dito, muito resta ainda que dizer. A bibliografia, a seu respeito, já orça por centenas de volumes, entretanto o assunto não está esgotado. Cantada pelos poetas, exaltada pelos teólogos, esmiuçada pelos historiadores, a existência da Virgem Maria, sempre que evocada, enleva e arrebatava a alma cristã, que nela vê um modelo de tôdas as virtudes.

Na vasta hagiografia católica, não há história que seja mais memorada, nem nome que mais se invoque do que o de Nossa Senhora. Mãe de Jesus, recebeu ela no pungente drama do Calvário, a missão espinhosa de mãe do gênero humano. E, desde então, pelos séculos afora, nenhum braço se lhe estendeu, nenhuma bôca se lhe abriu, nenhum olhar a procurou, num gesto de súplica, que ela não tenha acudido logo com o bálsamo do seu consôlo.

Com ser muito antigo, é o culto de Maria Santíssima, dentre todos, o que se acha mais difundido entre os cristãos. Onde quer que se encontre um missionário católico, nas areias ardentes da África, nas montanhas nevadas da Ásia, nas ilhas solitárias da Oceania, ou nas espessas selvas da América, é desnecessário afirmar que aí está um terno devoto da Virgem. E os efeitos prontos dessa devoção todos os sentem, clara e inquestionavelmente, na abundância de graças que ela, todos os dias, consegue de Jesus, para a humanidade sofredora.

Quis o Divino Salvador que fôsse a Virgem a medianeira de sua misericórdia entre os homens; por isso, não há súplica feita, por intermédio de Maria, que não seja imediatamente atendida por Elle. Esta verdade, proclamou-a S. Germano, patriarca de Constantinopla: "Não há ninguém, oh! beatíssima Virgem que possa esperar a sua salvação, senão por vossa intermédio; ninguém que seja livre dos males desta vida, senão por vossa proteção; ninguém que possa alcançar misericórdia, senão por

Nossa poderosa intercessão.

Tão extraordinários são os dons que Maria recebeu de Deus, que impossível será conceber uma criatura mais aquinhoadada de virtudes. Com efeito, nas várias situações da sua vida particular, como filha, esposa e mãe; ou na vida pública, como orientadora e conselheira do Colégio Apostólico, ela foi ~~sempre~~ ^{sempre} um modelo de perfeição, para o qual devemos ter, ~~sempre~~ ^{sempre}, os nossos olhos voltados.

A quem examina atentamente o relato simples dos evangelistas, na parte que a ela se refere - e, neste ponto, foi S. Lucas o mais explícito - certamente não escapará que a existência de Maria Santíssima decorreu entre a prática da humildade e da obediência. Difícil se torna, às vezes, extremar essas duas virtudes, tão estreitos são os seus pontos de contacto. Por isso, pretendendo evocar, na descolorida palestra desta noite, a obediência de Nossa Senhora, me vejo obrigado a falar também na sua reconhecida humildade.

Embora faça minhas as palavras de S. Bernardo: "Não há nada que tanto me agrade e, ao mesmo tempo, tanto me impressione, como falar das glórias da Virgem - Mãe ", - não me esqueço do que disse o grande Santo Agostinho: " Que hei de dizer de vós, eu de tão fraca inteligência? Tudo o que disser em vosso louvor, será sempre menos do que a vossa dignidade merece."

Num século materialista como o atual, em que o império da lei cede à voz do canhão, em que o desejo de mando e ostentação predominam, em que a desobediência se tornou preocupação absorvente, precisamos ter diante de nós os sublimes exemplos de obediência de Maria, como um remédio eficaz contra os assaltos do orgulho e do amor próprio.

Desde pequena, manifesta a Virgem a sua predileção por esta virtude. Ainda na idade rósea, em que a criança goza da prerrogativa, até certo ponto justificável, de impor os seus pequenos caprichos, destaca-se Maria Santíssima pela sua maneira de agir sensata, sempre de conformidade com o querer de seus progenitores. Segundo uma velha tradição, referida por S. João Damasceno, foi a futura mãe de Jesus encaminhada ao templo, por Joaquim e Ana, na idade de 3 anos, para aí ser educada pelos sacerdotes, em companhia de outras meninas nobres.

Não é crível que se mostrasse contrariada com essa deliberação,

nação dos pais, ^{que} ~~que~~ ³ ~~deparava~~ ^{ensejava} ocasião para conhecer de perto as verdades da lei e as coisas do culto divino. De outro modo, êles, amantíssimos como eram, não ^{a austeridade de} ~~permitiriam que ela se afastasse de~~ seus caminhos, em idade tão tenra, ^e ~~vaguardando~~ ^{que}, com os anos, melhor compreendesse, ela própria, a necessidade de se instruir e educar.

Mas a realidade é que Maria Santíssima viu transcorrer os anos doirados da infância entre as colunas de jaspe do templo, respirando o suave perfume do incenso do Líbano, ouvindo a leitura grave dos livros santos e as controvérsias estéreis dos doutores da lei. Os seus pensamentos, nessa quadra da vida, deviam afinar-se com os que atormentavam o atribulado povo de Israel, cujo único anseio era a realização da promessa, feita por Deus, através dos profetas, da vinda do Messias.

Há um período obscuro na biografia de Nossa Senhora, acêrca do qual nada dizem os evangelistas: é o que vai do seu regresso do templo até a época do casamento com José, da estirpe real de Daví.

Presume-se, entretanto, que, nesse espaço de tempo, em que se ia fazendo moça, procurasse ela, nos modestos misteres domésticos, ocasião azada para aprimorar as suas virtudes, e, entre estas, a da obediência, pelo ensejo constante que ~~se~~ ~~lhe~~ oferecia ~~a~~ sua prática.

Mais tarde, quando surge à ribalta da história, não é mais a criança de olhos profundos e cismadores, que obedecia quasi sem saber porquê, talvez pela tendência inata que sentia para a obediência, mas a mulher, em plena posse de suas faculdades físicas e espirituais, capaz, por conseguinte, de sentir, querer, impor a sua vontade, numa palavra, a espôsa de José. Entretanto, não se modifica, em nada, a sua disposição quanto à obediência.

Vêmo-la, por essa época, na bucólica mansão de Nazaré, cercada de árvores e ^{pinheiros} ~~poveada de pombo~~, a gozar a alegria sã dos que vivem na paz do Senhor e sentem a fartura que o trabalho proporciona. É aí que lhe aparece, na ^{doce} ~~suave~~ tranquilidade da tarde que morre, à hora solene do Angelus, em que o homem se recolhe numa prece mais à divindade e a natureza emudece no mistério que envolve a passagem

amantíssimos como eram, não ~~permitiriam que ela se afastasse de~~ ^{a afertiam de} seus caminhos, em idade tão tenra, ^{aguardando} ~~que~~, com os anos, melhor compreendesse, ela própria, a necessidade de se instruir e educar.

Mas a realidade é que Maria Santíssima viu transcórrer os anos doirados da infância entre as colunas de jaspe do templo, respirando o suave perfume do incenso do Líbano, ouvindo a leitura grave dos livros santos e as controvérsias estéreis dos doutores da lei. Os seus pensamentos, nessa quadra da vida, deviam afinar-se com os que atormentavam o atribulado povo de Israel, cujo único anseio era a realização da promessa, feita por Deus, através dos profetas, da vinda do Messias.

Há um período obscuro na biografia de Nossa Senhora, acêrca do qual nada dizem os evangelistas: é o que vai do seu regresso do templo até a época do casamento com José, da estirpe real de Davi.

Presume-se, entretanto, que, nesse espaço de tempo, em que se ia fazendo moça, procurasse ela, nos modestos misteres domésticos, ocasião azada para aprimorar as suas virtudes, e, entre estas, a da obediência, pelo ensejo constante que ~~se~~ lhe oferecia ~~a~~ sua prática.

Mais tarde, quando surge à ribalta da história, não é mais a criança de olhos profundos e cismadores, que obedecia quasi sem saber porquê, talvez pela tendência inata que sentia para a obediência, mas a mulher, em plena posse de suas faculdades físicas e espirituais, capaz, por conseguinte, de sentir, querer, impor a sua vontade, numa palavra, a espôsa de José. Entretanto, não se modifica, em nada, a sua disposição quanto à obediência.

Vêmo-la, por essa época, na bucólica mansão de Nazaré, cercada de árvores e ~~porçada de portos~~ ^{pinos}, a gozar a alegria sã dos que vivem na paz do Senhor e sentem a fartura que o trabalho proporciona. É aí que lhe aparece, na ~~suave~~ ^{doce} tranquilidade da tarde que morre, à hora solene do Angelus, em que o homem se recolhe numa prece muda à divindade e a natureza emudece no mistério que envolve a passagem da luz para as trevas, é aí, repito, que lhe aparece, entre resplendores ofuscantes de luz, aquele arcanjo glorioso, Gabriel assim se

nomeia, a anunciar-lhe que seria mãe de Jesus: Ne timeas, Maria, invenisti enim gratiam apud Deum; ecce concipies in utero, et paries filium, et vocabis nomen ejus Jesum. Não temas, Maria, pois achas-te graça diante de Deus. E conceberás no teu ventre, e darás à luz um filho, a quem chamarás Jesus.

Era natural que, ao lhe surgir assim tão inesperadamente o arcanjo, com a saudação que tanto feria a sua humildade: Ave, gratia plena, Dominus tecum; benedicta tu in mulieribus + Ave, cheia de graça, o Senhor é contigo, bendita és tu entre as mulheres - sentisse Maria aquela perturbação de que fala o evangelista - Quae cum audisset, turbata est. Entretanto, logo refeita do abalo, já senhora de si, assume a única atitude compatível com o seu espírito de submissão: Ecce ancilla Domini, fiat mihi secundum verbum tuum. Eis a escrava do Senhor, faça-se em mim segundo a tua palavra.

Não sabemos, neste lanço, o que mais admirar se o seu profundo sentimento de humildade, que a leva a rebaixar-se à condição ínfima de escrava; se a sua pronta obediência à vontade do Altíssimo, tão claramente expressa.

Não seria estranhável que, dada a sua situação de mulher casada, solicitasse ela ^{ao mensageiro do Deus} ao arcanjo uma dilação para a resposta, até que consultasse o espôso, já que se tratava de assunto que muito interessava à vida do casal. Mas a Virgem foi pronta em sua decisão. Que importavam as dificuldades domésticas? Não era aquela a vontade de Deus? Tanto bastou para que imediatamente desse a sua aquiescência.

"É certo, diz um escritor católico, que Deus providenciara para que Maria desse infalivelmente seu consentimento à encarnação, mas não é menos certo que este consentimento permaneceu livre e que a segunda pessoa da Santíssima Trindade não desceu ao seio da Virgem antes que ela consentisse, pronunciando aquele memorável Fiat. Faça-se.

Dias depois da aparição do arcanjo, e sabedora por êle de que Isabel, sua prima, também ia ser mãe, apressa-se Maria Santíssima a partir para Judá, através de caminhos árduos, afim de levar à espôsa de Zacarias o seu auxílio, e, ao mesmo tempo, congratular-se com ela, pela realização de um sonho que sabia ser todo o enlêvo de Isabel.

Admirável procedimento da Virgem que, esquecida de seu estado, arrosta as asperezas de uma dura jornada, para cumprimento de uma obrigação, que não sei se, em verdade, se lhe pode dar esse nome, ainda quando outra fôsse a circunstância em que se encontrasse.

Naquela conjuntura, manda a razão que se diga, estava ela inteiramente dispensada de tão grande sacrifício.

Algum tempo depois da visita que acabamos de referir, aconteceu sair um decreto de Cesar Augusto que obrigava todo o povo, sujeito a Roma, a se inscrever no censo.

Acorreram os judeus de tôdas as partes a alistar-se, cada um à sua cidade. Aquí cedo a vez a S. Lucas: "Subiu também José, de Galiléia, da cidade de Nazare, à Judeia, à cidade de Davi, chamada Belen porque era da casa e família de Davi; para se alistar com a sua esposa Maria, que estava grávida?"

Meditemos um momento sobre o que diz o evangelista. Não singular é a sua linguagem, narrando o fato, que magnífico e o exemplo de obediência de Maria. Quem lê este passo, sem maior exame, certamente reconhecerá na mesma incalculável de dificuldades que a Virgem teve de vencer.

Maria achava-se, por êsse tempo, em adiantado estado de gesta-
ção, quadra, por conseguinte, pouco propícia às longas excursões. Ora,
Belém ficava a uns bons 120 quilômetros de Nazaré, o que exigia do
excursionista, em situação normal, um grande esforço, sabidos os mei-
os precários de transporte, usados na região. Mas não é tudo. Cumpre
ainda frisar que era inverno, estação de ^{extremo} ~~quase~~ frio, na Ásia Menor, e
que José e Maria deviam fazer a jornada o mais depressa possível, por-
que, sendo pobres, não tinham disponibilidades para permanecer longo
tempo fora de casa.

Mas a tudo se sobrepõe a decisão da Virgem de satisfazer à ordem
do imperador, embora estrangeiro e gentio. Miremo-nos nesse espelho!
Que contraste enorme existe entre o seu proceder, não se querendo ex-
cusar a uma obrigação de que estava dispensada pelas próprias circuns-
tâncias, e o nosso, que nos leva a procurar pretextos frágeis para jus-
tificar atitudes negligentes em face de obrigações imperiosas.

Abro aquí um ligeiro parêntesis para declarar, o que aliás já é
do vosso conhecimento, que fôï ao termo dessa longa viagem, numa gru-
ta próxima de Belém, entre animais, que nasceu o filho de Deus e Sal-
vador do gênero humano.

Segundo a lei mosaica, logo que se completassem os dias da pu-
rificação, eram os pais obrigados a levar a criança ao templo e, aí,
se era primogênito masculino, consagra-la ao Senhor, oferecendo, ao
mesmo tempo, a Deus o sacrifício de um par de rôlas ou dois pombi-
nhos.

Dirige-se Maria, em companhia de seu santo espôso, a Jerusalém,
para cumprir o que determinava a lei. Mãe de Jesus, desnecessária se
tornava essa consagração, que ela satisfez ritualmente, como a última
das filhas de Israel. Foi no átrio da casa do Senhor, que lhe apareceu
aquele santo velho Simeão, cujo único receio era de que a vida se lhe
extinguisse antes que seus olhos pousassem sôbre o rosto divino do Mes-
sias, e lhe predisse aquelas coisas tremendas, que não mais lhe haviam
de sair do espírito, até a cena do Calvário.

Por tôda a Judéia se difunde a nova do nascimento de Jesus. He-
rodes sente o cetro ^{recapitulá-lhe} ~~escapar-lhe~~ das mãos. Ambicioso e sanguinário, de-
termina a matança dos inocentes, acreditando que, com êsse seu gesto,
Jesus não lhe escaparia.

Mas Deus lhe transtorna os planos.

Um anjo aparece, em sonho, a José e lhe transmite a ordem do Al-
tíssimo: Surge, et accipe puerum et matrem ejus, et fuge in Egyptum;
et esto ibi usque dum dicam tibi .

Levanta-te. toma contigo o menino e sua mãe, e foge para o Egito, e fi-
ca aí até que eu te chame.

Despertada alta noite pelo ^{anjo} ~~anjo~~, que lhe comunica a mensagem
que acabava de receber, Maria não estoga uma desculpa, não discute, não
se alega, apenas se submete, e põe-se a preparar as coisas para a per-
tida imediata. Outra que fôsse a espôsa, ponderaria o perigo de uma via-

da, o que lhe proporcionaria o tempo necessario aos aprestos, para uma caminhada tão longa e árdua.

Maria, porém, obedece, toma entre os braços o corpinho quente do Menino-Jesus, põe-se em marcha, atravessando a larga região que separa o Egito da Judéia. O que foi essa longa peregrinação, através de montanhas escarpadas e desertos ^{infidelidade} sobre calhaus ásperos e areia ardente, à luz abrasadora do sol ou à inclemência da chuva, mal pode hoje a nossa imaginação conjecturar.

No Egito, transcorrem os dias, lentos e serenos, para o santo casal, que tem agora um motivo novo de alegria, nas graças e encantos que ~~que~~ a todo momento descobre em Jesus.

Morto Herodes, a José se mostra outra vez o anjo, em sonho, ordenando que regresses à terra de seus antepassados: Surge, et accipe puerum et matrem ejus, et vade in terram Israel; defuncti suat enim qui quaerebant animam pueri. Levanta-te, toma o menino e sua mãe, e volta para a terra de Israel; estão mortos já todos os que lhe queriam arrebatam a vida.

A mesma obediência pronta de Maria. Agora, porém, tudo se faz com a calma necessária. De novo, as montanhas abruptas, o deserto abrasador, os calhaus e a areia, o sol e a chuva, mas quão diferente a sua disposição de espírito ! Não havia mais a pressa de fugir. Ademais, inundava-a a alegria do regresso, o desejo de rever a terra pátria, a ânsia de abraçar os parentes e amigos, que deixara.

Reinando então na Judéia Arquelau, filho de Herodes, José e Maria, receosos de algum ato de hostilidade, vão fixar residência em Nazaré da Galiléia, cumprindo-se assim o que haviam predito os profetas, acerca de Jesus: Quoniam Nazaraeus vocabitur. Por isso, êle será chamado Nazareno.

De Nazaré, dirigem-se todos os anos os santos esposos a Jerusalém, para assistirem às comemorações da Páscoa, que aí se realizavam com toda a solenidade. Maria nunca pretextou motivos para se dispensar da praxe seguida pelo seu povo. Mal se aproximava o dia da festa religiosa, abastecia o seu farnel de passas, mel e tâmaras, e, em companhia de José e do filho, se punha em marcha para a Cidade-Santa.

Que exemplo extraordinário de obediência nos dá a Virgem aos preceitos religiosos ! Que lição para todos nós que, às vezes, invocamos motivos fúteis, para nos eximirmos à obrigação de assistir à missa dominical.

A vida de Maria Santíssima é tão fecunda em atos desta natureza que desnecessário será trazer à vossa consideração outras provas, bastando dizer que toda ela decorreu na prática da obediência e da humildade.

Também já é tempo de colhemos a vela à nossa palestra.

Nos dias tumultuosos que atravessamos, em que se não quer reconhecer hierarquia, em que os preceitos são letra morta, em que cada um tinda por ostentar independência, em que obedecer prontamente é sinónimo de adotar-se, convém termos o espírito voltado para Maria Santíssima, recordando os tópicos significantes da sua vida admirável.

Em obstáculos que se tiram para o cumprimento de ordens que regem a vida humana, invoquemos a Maria, que nos ajude, e ela, que foi um

8

sas dificuldades.

E assim entre os vários títulos, sob que é invocada, na la_dainha, ajuntemos mais êsse de rainha da obediência - Regina obedi_entiae, que ela bem merece, pelo exercício constante dessa virtude, que ela praticou em grau heróico .